

O espaço e o tempo no Largo da Sé em Lisboa ¹

• Mestre Arq. João Menezes de Sequeira

Professor na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Resumo

O presente artigo procura dar uma pequena contribuição para o estudo do espaço urbano português e, de uma forma genérica, para o estudo da percepção do espaço, como instrumento original do arquitecto e do urbanista.

O Largo da Sé foi, na origem, parte central da cidade de Lisboa. Hoje encontra-se relegado para uma posição ambígua na cidade, um espaço onde se *margeia*.

Ao darmos uma panorâmica mais aprofundada sobre a evolução deste Largo até à Idade Média, com as alterações morfológicas de que foi objecto, procurámos entender os diversos modos como um mesmo espaço pode ser vivido e sentido.

Essas alterações morfológicas, não tendo uma simetria directa com o modo como se realiza a percepção do lugar, não deixam de marcar inflexões importantes no modo de estar e sentir o mundo. Desde a Antiguidade, passando pela cidade árabe, até à cidade medieval constatamos uma simpatia entre a morfologia urbana e modos de ver o mundo. Existem fortes indícios de que a própria ideia de espaço, tal como a conhecemos na actualidade, é completamente estranha àquelas épocas.

Palavras-chave: morfologia; vestígios arqueológicos; espaço urbano; percepção.

¹ Parte deste texto foi inicialmente publicado pela Revista Malha Urbana nº2 e era para ser o primeiro de um conjunto de três partes. A descontinuidade da sua publicação material, inviabilizou o projecto, pelo que considerámos pertinente a sua revisão e publicação agora em modelo on-line.

Abstract

This article intends to contribute for the study of Portuguese urban space and in a generic way, for the study of space perception, as an original instrument of architects and town planners.

The Largo da Sé Cathedral was once, a central space in the city of Lisbon, today it's relegated for an ambiguous position. With a survey about the evolution of this space we intend to understand the different ways of living it, despite morphologic alterations that occurred along history.

Those morphologic alterations don't have a direct symmetry with the perception of place, never the less they still generate important influences in the way people be and feel the world.

From the Antiquity, passing trout the Arab city, and ending in the medieval city, we see sympathy between the urban morphology and ways of seeing the world. Strong circumstantial evidences show that our idea of space is completely strange to those times.

Keywords: morphology; archeological vestiges; urban space; perception.

O espaço e o tempo no Largo da Sé em Lisboa.

A topografia, da área em estudo, sobretudo as suas condições de orientação e a sua proximidade ao rio, levam a considerar como provável, o estabelecimento humano desde épocas remotas. Aquele ponto da encosta terá sido usado como lugar de aglomeração humana, mas até à data, só com os romanos se pode falar de vestígios urbanos, embora escassos².

A situação geográfica, económica, estratégica, de circulação e de comércio eram pontos nevralgicos rapidamente aproveitados pelo império romano. Assim, surgem cidades que ao se adaptarem ao terreno, à topografia existente (muitas em anfiteatro, como é o caso de *Olisipo*) se distinguem dos modelos teóricos planos, sem como julgo ser o caso perderem certas *ordinationes*³.

² Não significa isto que tomamos o partido de Vasco G. Mantas, "As formas primitivas de povoamento em Portugal", in Povos e Culturas, n-2, onde se afirma a não urbanidade dos castros, ou que contrariamente com Jorge Alarcão, Portugal Romano, se considere a urbanidade desses castros. Antes nos parece que independentemente da definição de cidade adoptada, a existência de oppidae ou castros foi determinante no aproveitamento que deles fizeram os povos romanos, como o provam quase todas as antigas cidades de Portugal.

³ A ortogonalidade planimétrica é diversa daquela que se aplica a uma topografia mais irregular, sem no entanto deixar de o ser. O que se vê na realidade experimentada da cidade não é igual ao que vemos na planta (veja-se a ortogonal lançada desde a zona ribeirinha, cruzando-se com o decumanos no claustro da Sé e seguindo para o Teatro). Esta característica de adaptação ao terreno, própria das cidades mediterrâneas foi, como é sabido, herdada das cidades gregas continentais, geralmente colocadas na encosta, em locais privilegiados para o comércio, e em locais acidentados. Mais forte é a semelhança quando olhamos para a divisão da cidade em cidade alta e cidade baixa, (também a propósito da influência grega na cidade veja-se a enorme quantidade de nomes gregos existentes na época romana e constantes da Epigrafia de A. Vieira da Silva), que para além de ser uma característica de Lisboa e de outras cidades de Portugal continental, foi também uma característica exportada para os locais onde fundámos cidades, principalmente no Brasil.



Extracto da gravura publicada na obra *Civitas Orbis Terrarum Liber V* de Georgius Braunius Agrippinensis, 1593 (?) Estampa I

Se atendermos à localização dos achados romanos mais significativos, (encontrados até à data), à topografia do terreno e às investigações de Vieira da Silva (1899), seremos forçados a considerar como provável, a existência de uma via que atravessava a cidade, o *decumanus*, (estando o *cardus* por situar). A hipótese do arruamento E/O ser o *decumanus* parece-nos bastante provável já que, no seu hipotético trajecto temos a maioria dos achados

arqueológicos encontrados e porque, a largura da mesma⁴ aponta para uma via de certa importância.

Muitos atribuem genericamente a localização do fórum romano de *Olisipo*, à área em estudo, ou perto da Igreja de St.^a Cruz do Castelo, acreditamos pelo contrário que tais localizações são improváveis, porquanto se baseia em dois factores, o topográfico, que considera as actuais plataformas do terreno e a teoria de sacralização dos lugares, que aponta para a permanência de certos espaços "sagrados". Esquecem-se contudo alguns factores que nos parecem pertinentes, nomeadamente, a alteração brutal do limite

⁴ Segundo as actuais escavações realizadas no Claustro da Sé tem cerca de 2.5m.

da cidade depois das invasões bárbaras, a inexistência da plataforma topográfica na Idade Média que possibilitaria o actual Largo da Sé e os achados arqueológicos nas imediações do Largo da Madalena⁵.

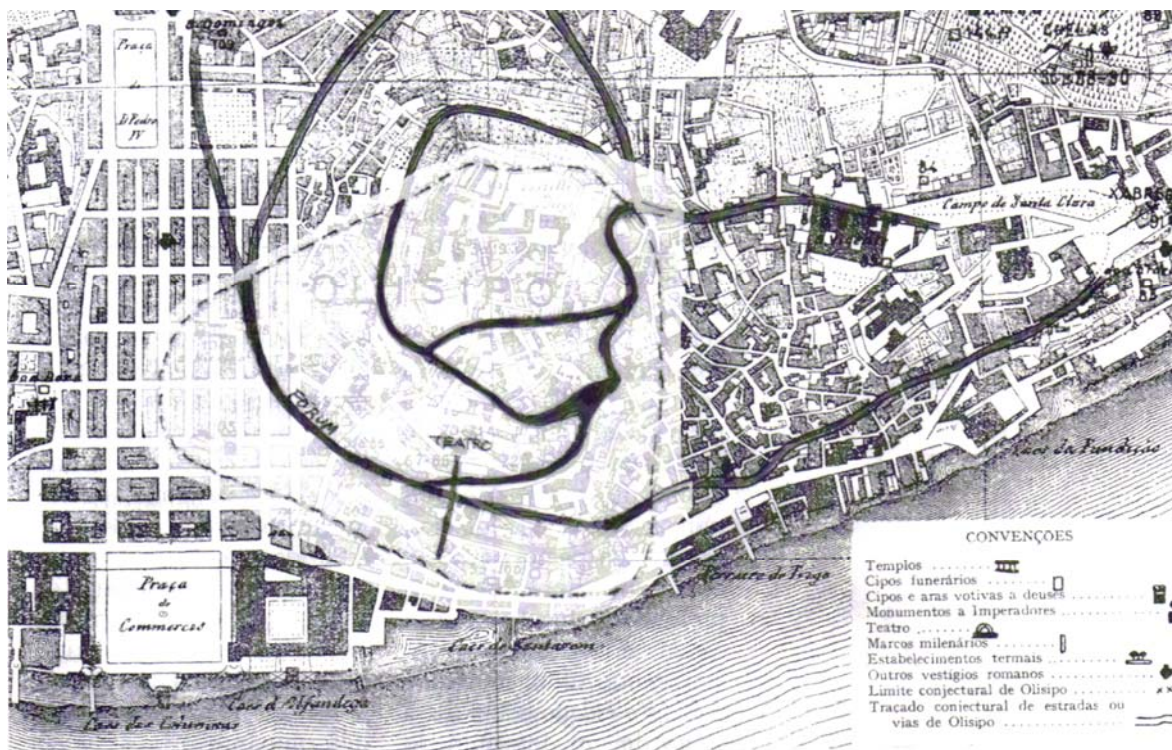
Conjecturalmente podemos supor que o fórum se localizava mais para baixo, perto do Largo da Madalena, estendendo-se obliquamente na direcção do Rossio, Praça da Figueira (este último local seria o de uma Necrópole), o que aliás, faz algum sentido já que aí, se encontraram muitos restos e inscrições. A ser assim, então o local onde se situa o Claustro da Sé poderá revelar, na melhor das hipóteses, a existência anterior de algum edifício importante, que segundo a hipótese da sacralização dos lugares poderia ser um Templo. É que, mesmo a fortificação da cidade, importante na medida em que relaciona este espaço com o resto da cidade, não passa de uma conjectura formal. Embora se deva aceitar a descrição de Estrebão que refere que Júnio Bruto⁶ estabeleceu as suas bases militares na margem direita do Tejo após o que fortifica *Olisípo*, nunca esta fortificação é descrita em qualquer fonte, ficando-nos assim apenas a conjectura de Vieira da Silva (1899), também aceite por Jorge Alarcão (1988).

Importa no entanto assumir a importância deste local na Era Romana como espaço eminentemente comercial e localizado na estrutura principal da cidade antiga, a

⁵ Segundo o apanhado realizado por Alarcão (1988, p. 124), “em 1773 e em 1943, em escavações neste local, foram encontradas nesse local, colunas, bases e capitéis jónicos; na Rua da Madalena recolheu-se um pedestal de estátua erigida a Cómodo datada de 178-180 d.C., na Igreja da Madalena estava uma inscrição à deusa Concórdia; ao construir-se um prédio que faz esquina entre o Largo da Madalena e Travessa do Almada, descobriu-se uma inscrição de homenagem a Lucius Caecilius Celeris Recto, questor da província da “Beatica” e pretor. Na mesma área da cidade foram recolhidas inscrições a Mercúrio e Cibéle,”

⁶ Júnio Bruto é mais conhecido pelo seu cognome, Calaico, devido à derrota imposta ao povo Calaico no Norte, sucedeu em 138 a.C. a Quinto Cepião como procônsul da Hispânia Ulterior.

descoberta recente de estabelecimentos comerciais, as *Tabernea* e de um arruamento na direcção do Teatro de Nero, no Claustro da Sé, confirmam esta tese (Figura abaixo).



Extracto da Planta de Lisboa de 1842, com macacção conjectural das visis romanas e acesso ao Teatro de Nero. Estampa II

Resumindo, o legado romano na cidade é pontual e pouco transparente, restam-nos apenas algumas hipóteses, nomeadamente a passagem do decumanos coincidente com a futura rua direita, mas que ainda não inflecte na zona da catedral e a existência de *Tabernea*, nada no entanto nos ficou que possa definir com alguma precisão o espaço, talvez, com novas investigações arqueológicas se consiga chegar alguma conclusão.

Antes de entrarmos no estudo das contribuições árabes para o nosso espaço, convém tecer algumas palavras sobre os seus ocupantes anteriores. Embora da ocupação destes povos poucos restos materiais tenham ficado, e segundo Oliveira Marques (1972) não tenham havido grandes alterações, foi determinante, desde o séc. IV, a passagem do mundo pagão

ao cristão, pois a cidade passa de foco de religião pagã - o centro da cidade era um espaço sagrado, dedicado aos deuses da cidade - para foco de religião cristã. A estrutura urbana que se molda pelas crenças e pelas práticas religiosas pagãs vai sofrer necessariamente uma mudança, o espaço exige configurações diferentes daquelas que eram habituais na cidade clássica. Os lugares pagãos passam a ser os lugares cristãos, mas o novo culto vai progressivamente alterar a própria estrutura espacial.

Data desta época, a conversão da hipotética construção romana no lugar da Sé em templo cristão, mas como já vem sendo usual nada existe que o comprove, mesmo as pedras com inscrições dos povos visigodos encontradas, não se podem atribuir a uma proveniência específica.

Um ponto que nos parece fundamental para o estudo que temos vindo a efectuar é a redução dos limites da cidade. A cidade só sobrevive com defesas, com muralhas, é uma sociedade à defesa e principalmente nesse aspecto, têm grande responsabilidade as constantes invasões⁷. Ora a redução do perímetro urbano vem a nosso ver deslocar o centro "cívico" da cidade mais para cima, anulando e deixando ao abandono o antigo fórum, mas por óbvias razões topográficas fixa-se nas proximidades da muralha, onde doravante passa a existir uma porta⁸.

Com a conquista da cidade pelos muçulmanos o mesmo que havia acontecido com a cidade romana, no que à religião diz respeito, vai acontecer agora com a cidade visigótica.

⁷ É neste contexto que se pode afirmar que a construção da Cerca Velha seja de autoria original visigótica, provavelmente coincidente com a actual Cerca Moura, que tendo sido restaurada várias vezes quer por uns quer por outros, acaba por assumir características muçulmanas devido a terem sido estes os que mais alterações lhe fizeram.

⁸ Só assim conseguimos explicar a proximidade do espaço em estudo, da porta da cidade.

Sabe-se que a cidade islâmica peninsular apresenta a particularidade de ter uma fragmentação em três partes ou núcleos, a saber: a Alcáçova com o Alcácer (Palácio), a Medina, e o Rabad.

Lisboa apresenta estas três características: o actual Castelo era a Alcáçova onde estava a Mesquita menor, rodeada de muralhas; a Medina, cidade civil onde se encontrava a Mesquita maior, rodeada de muralhas e com algumas torres; e finalmente, os Rabad ou Arrabaldes, fora de portas.

A descrição de Ahmede Arrazi no séc. X é a primeira notícia que nos chega sobre as proximidades da Sé, referindo-se à porta que se encontrava no local do actual Largo de Santo António, descreve-a como sendo "a maior da cidade", "encimada por arcos sobrepostos que assentam em colunas de mármore, por sua vez apoiadas em envasamentos de mármore"⁹. Trata-se de uma referência que nos dá um elemento importante da cidade árabe: a porta. Outra referência é dada pelos cruzados Osberno e Arnulfo na altura da reconquista, já no séc. XII, mas que é mais ou menos concludente no que se refere à existência de um templo no lugar da Sé. Também Alexandre Herculano relata a existência de uma Mesquita no mesmo lugar, "vasto edifício formado por sete renques de colunas com os seus coruchéus,"¹⁰

O espaço muçulmano difere completamente do espaço romano ou mesmo romano-cristão. A cidade é formada por um somatório de espaços fechados, que se vão justapondo e têm algumas breves passagens, o percurso principal da cidade islâmica é uma espécie de

⁹ Nabais et all. (1987, p. 18)

¹⁰ Herculano (1840, p.159.)

ramo, isto é, um tronco que vem de uma porta, diversifica-se em dois ramos, um dos ramos vai para a outra porta, o outro conduz à Mesquita maior.

Como refere Fernando C. Goitia (1982, p.70), "Entre a cidade pública, a *polis* grega, a *civitas* romanas e a cidade doméstica do mundo germânico, temos outro tipo de cidade que não se pode confundir com os dois primeiros: a cidade islâmica, a que chamaríamos privada", ela tem um "carácter profundamente religioso que, a partir da própria casa, (...) transcende tudo, impregna tudo", "a cidade islâmica é a soma de um determinado número de crentes" e mais adiante considera-a "uma cidade secreta que não tem ruas". O nosso espaço aparece assim como integrante da estrutura comunicativa da cidade, talvez como *suck* que conduz à mesquita maior, ligando-a à porta principal da cidade.

A cidade islâmica tem nas categorias de interior e exterior, a sua "essência". Não há uma totalidade no exterior e outra no interior, o interior ganha sentido na luta contra o exterior, a porta como o próprio *suck* (fecham à noite) funcionam aqui como reguladores dessa alternância.

A porta descrita por Alexandre Herculano (1848) "O vão da Porta do Ferro... constituía uma espécie de quadra, rota de dous lados, posto que não em toda a largura, por duas portadas ogivais, (...) e que (...) bem mostravam ser contemporâneas da edificação da muralha (...) Numa das paredes, que corriam lateralmente em relação às portadas, via-se um pequeno arco também ogival, e cujo vivo não excederia a decima parte da área dos dous arcos maiores. Era a comunicação para uma escada, que, dividindo-se em dous lanços, subia para o andaime do muro". É na sua traça geral uma porta muçulmana, dupla, embora de reduzidas dimensões, criando um pequeno pátio interior, o pátio de armas, cuja imponência é descrita por Ahmede Arrazi.

Porque a privacidade é determinante, a porta muçulmana apresenta um valor simbólico, preponderante e em si, é já, uma forma de selecção, pois a entrada na Medina não se deve fazer directamente. Depois da porta, o *decumanos* romano ainda presente, acompanhado pelo comércio do *suck*, logo após a bifurcação para a Alcáçova e para a Mesquita.

O local do nosso estudo é o centro da Medina, onde se instala a Mesquita, em volta da qual há os *suck* e as instalações para albergar os forasteiros e os mercadores, designados como *funduck*, espécie de estalagem, hospedaria, lugar de comércio, armazém, ou sítio de fabrico de objectos artesanais.

A mesquita organiza-se em volta de um pátio central, função civil e sagrada, onde está a fonte ou o poço¹¹, em volta desse pátio, nas arcadas, estariam as escolas corânicas.

Se a sala de oração é a matriz orgânica da cidade islâmica, é a partir da sala de oração da mesquita que a cidade se organiza. A casa, por exemplo, desenvolve-se à volta de um pátio (de modo idêntico ao esquema da mesquita) materializando no espaço a organização social, familiar, e clientelista do mundo islâmico.

A nossa rua sendo das mais abertas seria hipoteticamente constituída por um alinhamento de casas. Esse alinhamento é fragmentado, e justapõem-se ao lado umas das outras as vivendas, dando acesso a espaços fechados, que podem ter acessos a pequenas mesquitas ou capelas, (era comum as pequenas capelas surgirem nas vielas ou em locais mais interiores).

De qualquer modo e sabendo o quanto é hipotético tentar reconstituir um espaço em que poucas referências ficaram, arriscamo-nos a tentar uma reconstituição que, embora já delineada nas linhas precedentes, aqui fica resumida. A nossa área seria assim caracterizada

¹¹ Poço que ainda existe no Claustro da Sé.

pela porta da cidade, que tinha na sua frente um espaço ligeiramente alargado, seguir-se-ia um espaço corredor, sensivelmente onde corre a Rua de Santo António da Sé, talvez um pouco mais a norte, aproveitando a existência romana, depois, mais ou menos entre o claustro e a abside, tínhamos a mesquita à direita, em frente à qual, aproximadamente onde está actualmente o cruzeiro e as naves da Sé, se abria um espaço onde se desenrolava o mercado, a via que segue para a Alcáçova partiria já junto da Mesquita Maior.

Desde a reconquista no séc. XII até ao séc. XIV a malha da cidade circundante da área em estudo sofre algumas alterações fruto do tipo de adaptação medieval da cidade muçulmana. Esta adaptação prende-se com a mudança do tipo de uso. A casa muçulmana é como vimos uma casa introvertida, uma casa que não se assume como limite de uma via, enquanto a casa medieval cristã é aberta para a rua¹², que é o prolongamento natural da casa. As ruas passam a apresentar-se como local de passagem¹³, mas sobretudo como local de trabalho e de comércio, apresentavam-se geralmente estreitas e sinuosas, sobretudo devido à permanência da traça muçulmana e aos balcões, tabuleiros, alpendres e passadiços medievais, que se construíam nelas e sobre elas, dificultando muitas vezes a passagem de carroças ou cavalos.

Se por um lado o espaço é substancialmente alterado pela presença simbólica da Igreja Matriz, a via que ali passava e que já na anterior ocupação havia assumido um papel

¹² A designação de rua é aqui abusiva, pois na realidade ela não era ainda um elemento autónomo, como o vem a ser posteriormente, mas à falta de melhor designação será esta empregue.

¹³ A passagem não é a única função da rua medieval isto é a passagem faz-se por onde se pode e onde dá mais jeito, não é a rua que a determina, na medida em que ela ainda não fornece as "baías" do corredor. Para tal concorre o facto de que as ruas são usadas como passagem unicamente humana e animal, só mais tarde com a introdução progressiva dos veículos (de guerra e de transporte de materiais com tracção animal) é que as preocupações de desimpedimento aparecem.

preponderante de quase único "espaço público", altera-se na sua configuração física¹⁴, e começa a delinear-se e a assumir-se como rua direita, é a Rua Direita da Porta Travessa da Sé, que sob várias designações atravessa a cidade de uma porta à outra, e que no séc. XIII tem continuidade comercial para o arrabalde ocidental através da Rua do Arco de Nossa Senhora da Consolação. É na freguesia de S. Madalena e na continuidade da rua citada, que encontramos instaladas as forjas (as ferrarias) e o mercado dos cereais (as fangas), e mais longe do centro em S. Nicolau vamos encontrar o bairro dos carnicheiros e o mercado.

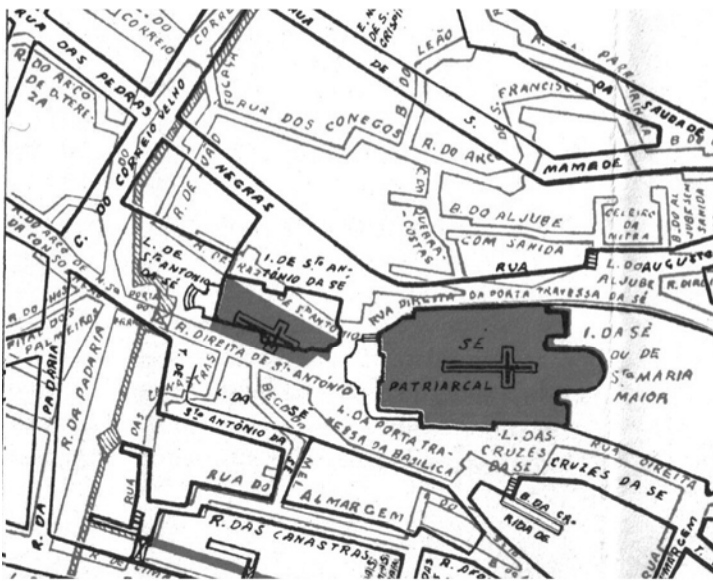
Em redor da Sé no Largo agrupam-se tendas e toda a zona circundante se encontra densamente ocupada. A Sé continua, durante toda a Idade Média a ser importante cabeça de diocese, é o lugar de partida e chegada de todas as procissões¹⁵ e mesmo local obrigatório de paragem para o Rei¹⁶. O espaço que lhe é adjacente assume durante este período as suas funções comerciais, bem como de local do poder municipal (presença dos Paços do Conselho na antiga casa de Santo António) logo junto à Porta do Ferro, enquanto todo o eixo da cidade, da Porta do Ferro à Porta do Sol, é o espaço real e nobre, quando a corte itinerante se instalava temporariamente no actual Limoeiro, o Paço Apar de S. Martinho.

A articulação entre estes poderes faz-se através de uma dissociação funcional entre os diferentes espaços. Três largos articulados pela rua direita, três funções específicas, a autoridade civil (o espaço comercial), a autoridade eclesiástica (a igreja), a autoridade régia (o palácio).

¹⁴ É minha hipótese que a alteração desta via lhe advém da construção da Igreja de Santa Maria Maior, que ao erguer-se parcialmente sobre a rua existente, vai obrigar à alteração do seu trajecto para o local da anterior Rua Direita da Porta Travessa da Sé, o que explicaria a sua abrupta inflexão.

¹⁵ Sobre as procissões e seus percursos na cidade, já no reinado de D. Manuel, ver o trabalho de Renata de Araújo (1990).

¹⁶ Ana Maria Alves (1986).



Extracto da Planta Topográfica de Lisboa, que compreende a parte abrangida pela Cerca Moura e Porta do Ferro, segundo Vieira da Silva (1899, Est. III).

Estampa III

A porta continua a ter um papel simbólico muito forte, especialmente porque marca o local onde se realiza o cerimonial da entrada do monarca, ou do bispo, das procissões à Sé e mais tarde das peregrinações a Santo António.

Também para o povo ela representava qualquer coisa

como o "ponto de encontro de dois mundos, o mundo rural e o mundo urbano, o mundo interior e o mundo exterior"¹⁷ era onde as diferenças ganhavam formas jurídico-administrativas, mas era também o lugar da celebração e do arco triunfal.

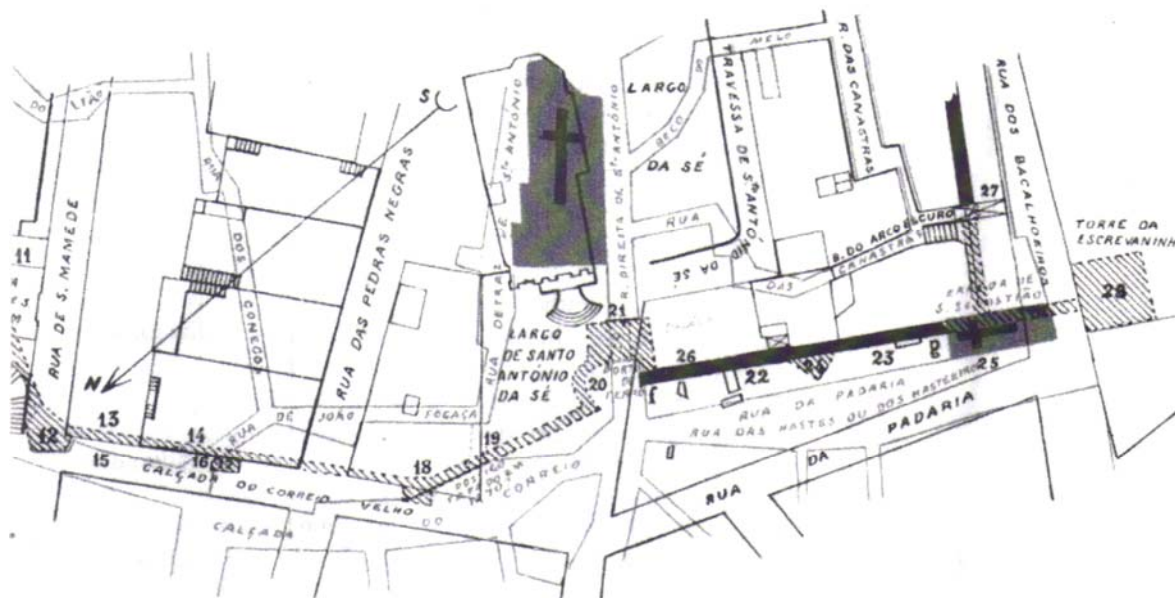
A visão que o homem medieval tem da cidade é uma visão parcelar. O espaço em estudo tinha, segundo a nossa interpretação, após a entrada triunfal¹⁸, um amontoado de casas e tendas com os tabuleiros para a rua, haveria provavelmente uma estalagem, ao levantar os olhos avistavam-se as torres da Sé, e andando mais uns metros encontrava-se um recinto irregular onde o som aumentava com a diversidade e animação dos tendeiros, era o centro, o núcleo de toda a cidade.

Mas a cidade desta época é sobretudo uma cidade da religião, "a reza, a missa, o cortejo, a cerimónia de vida, o baptismo, o casamento, ou o funeral - a cidade mesma era o palco

¹⁷ L. Mumford, 1961, p.331.

¹⁸ A porta tinha uma capela construída em cima, era uma construção que se evidenciava pelo material e pelas dimensões.

dessas diferentes cenas do drama, o próprio cidadão, mesmo quando representava seus vários papéis, era ainda um homem integral, tornado um só pela visão cósmica e mantido em tensão pelo drama humano da Igreja, imitando o drama divino do seu fundador"¹⁹.



Extracto da Planta Topográfica de Lisboa, que compreende a parte abrangida pela Cerca Moura e Porta do Ferro, segundo Vieira da Silva (1899, Est. IV).

Estampa IV

A percepção do espaço em si e não existe, o espaço não é um entidade própria, é uma manifestação de Deus, o mundo está povoado de significados, reenvios, sobre sentidos, numa natureza que falava continuamente uma linguagem heráldica, misturada de animismo. O Românico, parece portanto ter sido a época onde foi inventado (ou retomado) um limite, aquele que divide a terra do céu²⁰, cósmico porque de pertença inatingível, divino porque de procedência. A sua analogia com a muralha da cidade (paliçada ou muro), é mais do que

¹⁹ L. Mumford, 1961, p.305

²⁰ Refiro-me a invenção na medida em que o cristianismo caracteriza-se pela invenção do uno, facto impensável na Antiguidade e refiro-me ao retomar na medida em que esse limite sempre lá esteve como segundo círculo, cósmico, de referência: o dia e a noite; o céu e a terra; as estações do ano; etc

isso, vai ser a imagem desse mesmo mundo dividido entre o paraíso e o inferno, entre o céu e a terra.

Mas essa imagem porque o é, inicia um processo de contaminação entre estes dois níveis, o divino e o terrestre que se reflecte de modo multifacetado na cidade. Ao separar a cidade divina (Jerusalém celeste, cidade virgem) da cidade terrestre (Babilónia apocalíptica, cidade prostituta) materializa o limite como diferença de valores absolutos. Este é já atravessado pelo tempo, pela imagem harmónica da história. A imagem espacial da cidade terrestre não é a da cidade divina, no entanto a imagem temporal inicia aqui a sua mimesis (todo o homem é filho de Deus Uno). Todo o Românico é atravessado na Europa, pela febre cristã, que através do seu corpo doutrinal vai investir de nova simbologia os símbolos pagãos e valorizar o ensino do povo. O investimento de novos significados implica o quebrar dos nexos sintácticos, é por aí que o tempo divino se vai unir ao terrestre, mas ao unir-se ao tempo une-se intrinsecamente ao espaço do corpo.

Segundo Zumthor (1993, p.41) a Idade Média é uma civilização do gesto sendo talvez este facto que melhor a define. Era através do corpo que se efectuava a identificação com o modelo comum, "De onde resulta la firmeza del corpo social, este nosotros que unifica menos um proyecto histórico que se vá a realizar en el tiempo que unos ritos colectivos ligados a este, junto con lo que implicam: una simpatia, en el sentido literal de la palabra; un hábito de participación emocional fuerte, libremente sometido a pasiones súbitas; una oscura conciencia de la extensibilidad del yo" É esse corpo que irá constituir os "símbolos" opositivos, de "levantado frente a acostado, erguido frente a encorvado, duro frente a blando, dilatado frente a contraído, caliente frente a frio, y otras, de intensidad variable y a menudo especificadas en un esquema típico, con el corazón como centro del

calor, la cabeza, dei frio: de este modo, la mano, el pie, los órganos de los sentidos y sus actividades, ver, oír, tienen una situación privilegiada".

Ao recompor a sociedade e o homem na totalidade e unidade de um acontecimento, unifica materialmente todos os elementos, tornando o contorno pertença dos corpos. Através da ideia de partículas, todos os espaços vazios são passíveis de ser preenchidos pelos corpos adjacentes. Esta decomposição do universo, cria a ideia de absoluta continuidade, entre lugar e edifício, entre existente e proposto, entre edifício e escultura, etc. O cristianismo era avesso à ideia de descontinuidade, a sua preocupação é o uno, aquilo que une todos os elementos.²¹ Sendo a configuração mental e intelectual da Idade Média nómada (pelo menos até 1500), apresentando aspectos ligados ao esoterismo do conhecimento, a uma valorização da visão cósmica de procedência e à aceitação da natureza como prolongamento de si. Por isso, a intervenção urbana no Românico, sendo que "intervenção" é um termo inadequado, é realizada por assimilação e simpatia de construções já existentes e posteriormente por preenchimento de vazios tornados disponíveis. O desaparecimento de grande parte dos vestígios romanos como muçulmanos na cidade, quer através da sua reutilização e transformação funcional quer através do seu desmantelamento e uso como depósito de material disponível é, dessa assimilação, o melhor exemplo. Com a diminuição da importância formal (de contorno) a desmaterialização da própria cidade antiga (quando existia) era inevitável.

²¹ E. Panofsky (1981, p.39) considera que o homem medieval, artista (sobretudo aquele que não copia a natureza, o arquitecto), conforma a obra segundo uma representação interior, uma quase-ideia preexiste à obra. Só pela criação arquitectónica se verificava o paralelismo entre criação artística e conhecimento divino.

O que é construído nunca o é de raiz (do zero), existe sempre uma preexistência, a sua proveniência é sempre cósmica, não há projectos²², há apenas acrescentos e adições, a relação estabelecida é contínua em relação ao existente. Essa continuidade é dada na cidade pela substância material ou por essa *rematerialização*. A intervenção urbana está encastrada na malha urbana, não se liberta como unidade autónoma e mesmo as Igrejas que já aqui se destacam na cidade, quer pela sua altura e estrutura construtiva vasta²³, quer pelo seu movimento vertical, atestam a sua pertença pela massa construtiva e pela posição na malha medieval²⁴. Estas últimas, tal como as genealogias²⁵ são a representação visual e mental do início do movimento referido, entre o céu e a terra, ou preferirmos de um movimento de "aproximação"²⁶ a um determinado *limite*.

Bibliografia:

Alarcão, J. *Roman Portugal* (Archaeologist's guides to the Roman world, vol. II, Fasc. 2 Coimbra & Lisboa) Warminster: Aris & Phillips.

Alves, A. M.^a (1986) *As entradas régias portuguesas – uma visão de conjunto*. Lisboa: Livros Horizonte.

²² No sentido de disciplina, que difere no tempo e no espaço a concepção e a construção.

²³ Prendendo-se esta última com os seus objectivos, albergar o maior número de crentes.

²⁴ As Igrejas só mais tarde são separadas das construções vizinhas.

²⁵ A partir do séc. X triunfa nas práticas sociais e na mente dos religiosos a ideia de genealogia, espécie de nomadismo vertical.

²⁶ Aproximar aqui no sentido físico em que se perde a noção de uma diferença, por se estar já dentro dela. Movimento também referido pelos processos perceptivos como resultante num processo de indução.

Araújo, R. (1990) *Lisboa - A Cidade e o Espectáculo na Época dos Descobrimentos*. Lisboa: Livros Horizonte.

Goitia, F. C. (1982) *Breve História do Urbanismo* (E. C. Lima, trad.). Lisboa: Editorial Presença.

Herculano, A. (1914). *História de Portugal I*. Lisboa: Aillaud & Bertrand. (original de 1846)

Herculano, A. (1840) *O Monasticon - O monge de Cister*. Tomo II. Lisboa: Imprensa Nacional.

Marques, A. H. O. (1972) *História de Portugal – das Origens às Revoluções Liberais*. (vol. 1). Lisboa: Palas Editores.

Mumford L. (1991) *A cidade na História – suas origens, transformações e perspectivas* (Neil R. Da Silva, Trad.). S. Paulo: Livraria Martins Fontes. (original de 1961) .

Nabais, A. J. C. M. e Ramos, P. O. (1987) *100 anos do Porto de Lisboa*. Lisboa: APL.

Silva, A. V. (1899) *A cêrca moura de Lisboa*. Lisboa: Publicações Culturais da CML.

Panofsky, E. (1981) *Idea – contribución a la historia de la teoria del arte*. (M. T. Pumarega, trad.). Madrid: Ediciones Cátedra.

Zumthor, P. (1994). *La Medida del Mundo – representación del espacio en la Edad Media* (A. Martorell, trad.). Madrid: Ediciones Cátedra. (original de 1993).

Mantas, Vasco G. C. S. (1987). “As primitivas formas de povoamento urbano em Portugal”. In *Povos e Culturas II*. Lisboa: Universidade Católica, Centro de Estudos dos Povos e Culturas de Expressão Portuguesa, p. 13-55

IDENTIFICAÇÃO:

João Manuel Barbosa Menezes de Sequeira

Av. Vasco da Gama, 52 3º Dto. 1700-128 Lisboa

Professor Auxiliar Convidado da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Mestre em Desenho Urbano pelo ISCTE

E-mail: jmbms2@gmail.com

Telf. (351) 213021312

Tlm: (351) 919321164

Fax: n.d.